

A lealdade da busca:
Fernando Sabino fala
sobre os outros e
encontra ele mesmo,
ou vice-versa

Gabriela Kvacek Betella¹ *

Resumo



presente artigo examina os textos de Fernando Sabino reunidos no volume *Gente* à luz de um itinerário de vida e de estilo. O material é uma coletânea de perfis, necrológios ou elogios relativos a pessoas que fizeram parte, em algum momento, da vida do escritor mineiro. A proposta deste trabalho é detectar no processo de criação do cronista a influência da verve autobiográfica que permeia toda sua obra.

Palavras-chave: Crônica; Fernando Sabino; Autobiografia

*“É curioso como nós, os maníacos,
costumamos impingir aos incautos as
nossas predileções particulares”*

Fernando Sabino

Mantendo certa distância das redações, Fernando Sabino percorreu inúmeros jornais e revistas. Contudo, a disciplina de escritor e o

* Doutoranda da Universidade de São Paulo.

repúdio à vida de jornalista eram formas de preservar a sua produção literária do jornalismo militante – só eventualmente trabalhou como repórter. Noutras palavras, ele aceitava ser um escritor fazendo jornalismo, através das crônicas que publicou desde os anos de 1940. Fernando Sabino se tornou, em pouco tempo, um dos cronistas brasileiros responsáveis pelo estatuto literário do gênero crônica, como havia sido Rubem Braga e do mesmo modo como vinha sendo Paulo Mendes Campos.

O primeiro jornal no qual Fernando escreveu profissionalmente foi a *Folha de Minas*, a convite de Newton Prates. Murilo Rubião trabalhava na *Folha* e colaborou ao lado de Fernando Sabino na revista *Belo Horizonte*, nessa mesma época. Em 1941 Fernando tem seu primeiro livro, *Os grilos não cantam mais*, publicado pela editora Pongetti, no Rio, graças à edição paga com a venda de terrenos do pai. Era uma coletânea de seus contos, alguns escritos alguns anos antes. Colabora também para revistas e jornais no Rio: *Dom Casmurro*, *Vamos Ler*, *Anuário Brasileiro de Literatura*. Em 1943, enquanto colabora para o *Correio da Manhã*, no Rio, publica o ensaio “Eça de Queiroz em face do Cristianismo”, na revista *Clima*, em São Paulo.

No início de 1942, uma correspondência intensa entre Fernando Sabino e Mário de Andrade se inicia. Fernando enviara ao escritor paulista um exemplar de seu primeiro livro, e Mário lhe respondeu. A amizade propiciou alguns encontros, assim como o contato entre Mário e os três amigos “vintanistas” de Fernando. Nas cartas, o que mais discutiam eram os problemas do processo criador, além das questões pessoais, como o drama do jovem escritor diante da possibilidade de sair de Minas para ganhar o Rio de Janeiro e o mundo, além do dilema de ser pai de família e escritor, ao mesmo tempo. Mário foi extremamente generoso com Fernando, para sintetizar apenas num adjetivo o papel importante que se revela a partir das cartas e, sobretudo, através dos conselhos e “puxões de orelha” para o jovem escritor.

Em 1944, Fernando se mudou para o Rio, já casado com a filha de Benedicto Valladares, tocando o cartório que lhe fora dado de presente por Getúlio Vargas. No *Correio da Manhã* mantém a coluna “Quinzena Literária de Minas”, com colaborações de vários amigos do estado natal. Em 1946 está em Nova York, onde vive por dois anos, graças a um emprego arranjado pelo sogro, via consulado. De lá envia para o *Diário Carioca* e para *O Jornal* crônicas semanais. Após esse período, sua vida passa a ser pontuada pelos livros publicados: romances, contos e reunião de crônicas. São aproximadamente 30 livros, sem contar as reedições que elegeram um ou mais contos num volume próprio. A partir de 1957 passa a viver da produção literária, exclusivamente. Ao final dos anos 70, sua crônica semanal era publicada em mais de 50 jornais no país.

As primeiras crônicas de Fernando Sabino a saírem em livro (*A cidade vazia*, 1950, acrescida de *Medo em Nova York*, Editora Sabiá, 1969) relatam sua experiência de estrangeiro vivendo em Nova York entre 1946 e 1948, época de intensa correspondência com os amigos Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e Clarice Lispector, entre outros destinatários. As crônicas haviam sido produzidas originalmente para jornais brasileiros. A essa altura, o escritor já publicara contos e novelas (*Os grilos não cantam mais*, 1941; *A marca*, 1944; *A vida real*, 1952). *O encontro marcado*, de 1956, é o primeiro romance e, assim como o terceiro, *O menino no espelho*, de 1982, traz o signo autobiográfico. O segundo romance, *O grande mentecapto*, sai em 1976, após 33 anos de gaveta. Contos e crônicas produzidos nesses

intervalos reafirmam as qualidades de Fernando Sabino como prosador: *O homem nu* (1970), *A mulher do vizinho* (1962), *A companheira de viagem* (1965), *A inglesa deslumbrada* (1967), *Gente I e II* (1975), *Deixa o Alfredo falar!* (1976), *O encontro das águas* (1977), *A falta que ela me faz* (1980), *O gato sou eu* (1983). Entre viagens ao exterior e a produção de documentários e curta-metragens para TV e cinema, escreve crônicas e reportagens. A experiência como editor, nos anos de 1960, em sociedade com Rubem Braga (Editora do Autor e Editora Sabiá), não foi promissora.

O “esboço de autobiografia” intitulado *O tabuleiro de damas* sai em 1988 e, em seguida, nova reunião de relatos de viagem: *De cabeça para baixo*, de 1989. *A volta por cima*, título que forma curioso par com o anterior, é o último conjunto de crônicas antes da publicação de sua *Obra Reunida*, em 1996. Nos últimos anos, Fernando Sabino coligiu páginas dispersas no volume *Livro aberto* e boa parte da correspondência: cartas a Clarice Lispector (com suas respostas), cartas aos amigos Otto, Hélio e Paulo e as respostas às cartas de Mário de Andrade – estas já haviam saído em *Cartas a um jovem escritor*. Também reeditou, aumentado e enriquecido com ilustrações de Jaguar, *Lugares comuns*, dicionário originalmente publicado em 1952, resultado de uma recriação sobre a obra de Flaubert, *Dicionário de Idéias Feitas*. O que se pode chamar de mais recente produção em crônica está nos volumes *A chave do enigma*, de 1997 e *No fim dá certo*, de 1998. Esses textos perpassam questões ligadas à “mineiridade”, as situações engraçadas, enfim, retornando ao caráter que consolidou a obra. Não abandona a construção de cenas com ritmos emocionados, permeadas de humor lírico, por vezes comentadas por reflexões que explicitam a “poética” do cronista.

O mais recente livro de Fernando Sabino chama-se *Os movimentos simulados*, e é um romance que tem como ponto de partida, segundo indicação do autor, manuscritos amarelados de 1946, do período em que ele viveu em Nova York. Todas as personagens do livro são marcadas pelo sentimento de abandono e, mais especificamente, pelo desengano, agravado por um íntimo desgaste, sempre aceito, ao qual se entregam, tentando ocultar. Trata-se de um conteúdo bastante atual.

A revisitação do passado, em particular da infância, é um tema recorrente na obra de Fernando Sabino. É possível explicar este fato pela trajetória do homem que teve várias antecipações e uma disciplina voltada para o desejo de ser um bom escritor. No entanto, talvez seja demasiado leviano relacionar a presença da infância e juventude na obra com o sentimento permanente de interrupção – e perda – de algo a ser recuperado – e purgado.

Fernando Sabino compôs os perfis de *Gente* em meio aos artigos que escreveu para jornais. Assim como a coletânea *De Cabeça para Baixo* reuniria, em 1989, as viagens realizadas pelo autor entre 1959 e 1986, *Gente* (publicado originalmente em duas partes, *Gente I* e *Gente II*, em 1975) agrupa crônicas sobre personalidades de destaque nas letras, nas artes, na música e nos esportes, seguindo basicamente três direções: a do sentido mais autêntico dos perfis ou evocações, a autobiografia ou memória e a ficção ou recriação de uma realidade. Os textos podem ser agrupados de acordo com essas direções, e analisados como tal, levando-se em conta a crônica mais distintiva de Fernando Sabino.

Entre os perfis mais autênticos ou de menor “contaminação” pela autobiografia ou pela ficcionalização destacam-se “O escritor da rua da Glória”, sobre Pedro Nava;

“Apenas um homem que vive”, sobre Oscar Niemeyer e “Augusto na cadência da arte”, sobre Augusto Rodrigues. No primeiro texto, Fernando destaca a fé de Nava no procedimento do médico, talvez maior que na medicina:

- Para tudo há tratamento - me afirma hoje, a propósito de certas macacoas que a idade traz consigo e tidas como incuráveis. - Quando alguém me diz, por exemplo, que reumatismo não tem cura, eu costumo responder: tem tratamento. Nada mais incurável que uma perna cortada, não é? Pois o sujeito pode usar uma perna de pau. É um tratamento.

Para ele, o médico tem antes de tudo de tranquilizar o doente. O cliente que não sai do consultório se sentindo melhor do que entrou, devia reclamar de volta o preço da consulta. Há tempos um colega seu afirmou que o diagnóstico é falho em 70 por cento dos casos. Com o progresso da medicina, acredita que hoje essa proporção se tenha reduzido a 50 por cento.

- A verdade é que ainda se sabe muito pouco.

Encarando modestamente a profissão que o consagrou como um dos mais competentes reumatologistas do país, guarda dos tempos de clínica geral a lembrança do dia em que sentiu ser realmente um médico: quando teve pela primeira vez a coragem de dizer a um cliente que ainda não sabia o que é que ele tinha.

- O médico tem de fazer com que o cliente colabore na formulação do diagnóstico. Cada caso é diferente, e exige uma abordagem especial. Muitos não querem se curar: não abrem mão da condição excepcional que a doença lhes dá, da atenção e do cuidado que inspiram. Outros são exigentes, querem que a gente faça milagres. (...) (SABINO, 1984, p. 125-6)

Ao final do perfil, comentários que instigam o leitor já familiarizado com os temas mais presentes nos livros de Nava, como, por exemplo, a morte, “a indesejada das gentes”:

O medo da morte não existiria se a gente se compenetrasse de que acaba antes de morto. Mas nem assim escapamos da terrível advertência no final de seu famoso poema:

Meus amigos, tenham pena,
Senão do morto, ao menos
Dos dois sapatos do morto.
Dos seus incríveis, patéticos
Sapatos pretos de verniz.
Olhem bem estes sapatos,
E olhai os vossos também.

A sua visão realista da precariedade de nossa existência neste mundo nada tem de mórbido: para um homem tão exuberantemente sensual no seu generoso amor à vida, é antes a consciência de que “para isso somos feitos”, como no poema de Vinicius: a manifestação mais densamente humana da sua sensibilidade de artista. Já não falo da sua vocação para o desenho (ilustrou a cores o exemplar da primeira edição de Macunaíma, que seu amigo Mário Ihe mandou e o ofereceu de volta ao autor) ou para a pintura (além de algumas telas genuinamente suas, pintou uma bela imitação de Portinari que costuma passar por original). Falo, com Carlos Drummond, na sua faculdade “meio demoníaca, meio angélica, de instaurar um mundo de palavras que reproduz o mundo feito de acontecimentos”: mundo que ele soube enriquecer “com dolorida e desenganada, mas, ainda assim, generosa experiência do humano.” (SABINO, 1984, p. 128-9)

No perfil de Niemeyer, ecos do modo de Otto Lara Resende escrever suas evocações. Há momentos tocantes, compostos com a intenção de oferecer ao leitor o lado mais humano do artista, além de abrir o texto em várias passagens para as palavras do próprio biografado:

Ei-lo caminhando a meu lado na Avenida Atlântica, em direção a um restaurante da praia onde costuma almoçar. Não o via há algum tempo. Continua surpreendentemente jovem para a sua idade. Ninguém identificaria neste homem de camisa-esporte e tão simples de aparência, gestos tranqüilos e fala mansa, o gênio criador de Brasília, o artista cujas fantásticas concepções arquitetônicas se recortam hoje contra o céu de cidades espalhadas pelos cinco continentes. Poderia passar por um mestre-de-obras, ou dono de uma pequena casa de comércio nas vizinhanças, a caminho do almoço. No entanto há uma aura qualquer de grandeza que dele se irradia, como de todo artista verdadeiro, a partir da espontaneidade com que ignora a sua importância. Para ele, a própria arte não tem importância, se o ato de criação artística não for também um ato de amor à paz, à humanidade, ao ser humano. Neste sentido, prefere Gorki a Checov e Malraux a Sartre, na medida em que manifestaram maior confiança no destino do homem, através de sua maneira de pensar e de agir. Malraux soube pôr sempre sua vida e sua arte a serviço de uma causa, ao passo que o pessimismo permanente de Sartre o levou a afirmar que "toda existência é um fracasso".

(...)

É um criador, um artista plástico, e sua matéria de criação é a linha curva, concebida como o menor caminho entre dois pontos - descoberta que não escapou ao próprio Einstein. Não esperem dele uma solução mecânica para os pequenos problemas de ordem prática dos que preferem viver de olhos fechados entre quatro paredes. (SABINO, 1984, p. 131-5)

Melhor exemplo de afinidade com os textos de *O Príncipe e o Sabiá* (reunião de perfis escritos por Otto Lara Resende, editada em 1994) é, sem dúvida, o perfil de Augusto Rodrigues, entremeado por reflexões do artista e também por histórias envolvendo outras personagens:

Amar é respeitar o outro na sua integridade como indivíduo. Desde pequeno. Cada ser humano é diferente do outro. Respeitar essa diferença. O que serve indiferentemente para todo mundo não serve para ninguém. O que se ensina a uma criança, no sistema tradicional é imposto de fora para dentro.

- Você já imaginou se tivéssemos de aprender a amar através da leitura?

A conversa se faz fragmentada - a todo momento somos interrompidos por uma empregada, um amigo, alguém que chega e sai, num vaivém contínuo que faz parte da sua vida cotidiana. Aos poucos, porém, suas observações vão compondo, como mosaicos dispersos apanhados aqui e ali, um quadro harmonioso em que se pode sentir todo um sistema de pensamento, que é sua filosofia de vida:

É bem possível que as dificuldades para a construção da paz comecem nas divisões, nas rupturas instaladas nos subterrâneos de nossa própria individualidade, nas áreas inexploradas de nossa vida emocional e mental, no nosso mundo inconsciente - já que em plena consciência o homem é lúcido, isto é, quer a ciência, ama a verdade e o bem. Onde começar o trabalho pela construção da paz? Eu diria que devo começá-lo através de mim mesmo. No meu diálogo interior, no esforço por realizar minha própria e pessoal conciliação.

- Major, vosmicê é uma peça muito fina.

Quem assim lhe falou foi mestre Vitalino, o ceramista de Caruaru, que sempre o

chamou de major, não sabe por quê.

- Que é uma peça fina, Vitalino?

- É a que vai na água ou no fogo e não quebra.

Isso lhe faz lembrar o Padre Lebre: a relação ser-objeto. Vitalino, para transmitir uma idéia, vai buscar no próprio material de trabalho a sua melhor forma de expressão.

(...)

- Está chegando para o homem a hora de procurar uma solução de verdade para os problemas do mundo. A guerra é a negação do homem. Quem mata na guerra está matando a si mesmo.

Um dia ele afirmou, justificando o seu engajamento político ao tempo da Segunda Grande Guerra, que "só os anjos podem ser neutros, pois eles estão fora do alcance dos canhões". A partir de então, veio evoluindo para posições menos radicais, para poder entender e ser entendido:

- Fiz um dia uma pregação antifascista pela televisão, para depois encontrar na rua um dos fascistas mais completos que eu conhecia, que me disse haver gostado muito do que eu tinha falado. (SABINO, 1984, p. 181-4)

Neste perfil, observamos uma característica fundamental dos perfis de Sabino: a identidade do biografado vem explicitada somente ao final do texto:

Todo mundo sabe quem é Augusto Rodrigues: um menino de 60 anos ou 61, não está bem certo, meu amigo há 30, e que há mais de 40 firmou seu nome no mundo da criação artística através de sua atividade de caricaturista, desenhista, estimulador de vocações, colecionador de arte e reformulador do ensino. Mas nem todos sabem que entre suas atividades, se incluem distrações como a de gravar o ruído da pena no papel quando desenha, porque cada um tem um ruído próprio (...). (SABINO, 1984, p. 185-6)

Há ainda, nessa linha de evocações provocadas e, no entanto, não contaminadas demais pela memória pessoal, alguns perfis resultantes dos episódios vividos por Fernando durante os encontros com alguns escritores (Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado), para a produção de documentários na Bem-te-vi Filmes, fundada pelo próprio Fernando, cujos frutos foram curta-metragens sobre feiras internacionais para o Departamento Comercial do Itamaraty e os documentários sobre escritores brasileiros.

Para o leitor mais jovem, ou para os que não possuem intimidade com toda a dimensão do universo de Fernando, é tarefa estimulante descobrir a identidade da personagem homenageada, antes da revelação. Enquanto isso não acontece, ao longo do texto, lucra-se com a aquisição das mais variadas informações sobre o contexto de uma geração criativa e incansável no fazer literário e artístico. O perfil de Lúcio Rangel, "A arte de ser amigo", é uma autêntica amostra. Abre-se com o encontro entre Fernando e o amigo e recorda outros momentos vividos juntos ou não, ressaltando a graça e a amizade distribuídas. Somente na última linha do texto sabemos de quem se trata:

Naquela noite eu estava precisando de companhia - e fui parar no Vogue, à procura de alguém com quem dividir a minha solidão. Não encontrei nenhum amigo, o que era raro. Às duas horas da manhã telefonei para ele, sem muita esperança, mas encontrei-o em casa: não pretendia sair.

- Posso dar um pulo aí?

Ele me recebeu de pijama, um copo na mão. Um copo de leite.

Hoje estou na sua casa, não mais na Avenida Beira-Mar de antigamente mas no Jardim de Alá, e são nove horas da noite. Ouvimos jazz como naquela e em outras visitas que lhe fiz ao longo de todos esses anos.

(...)

Quem o conhece das noites de boêmia não pode imaginá-lo em sua casa, dedicado ao estudo ou trabalho intelectual, zeloso da ordem ao seu redor, caprichosamente organizado: um homem que lava as mãos antes de pegar num livro. A arrumação primorosa de sua biblioteca, o cuidado com os seus discos, o desvelo com seus arquivos dão o testemunho disso. Ainda há pouco, depois de me mostrar uma raridade (uma primeira edição de Diderot), põe-me nas mãos uma encadernação dos artigos de Mário de Andrade, recortados do Diário de Notícias. Vejo com surpresa cair de dentro do volume o recorte da matéria que eu próprio escrevi recentemente sobre o seu grande amigo.

- Eu estava com ele quando te vi pela primeira vez - lembro de súbito.

(...)

Sua amizade com o Mário se igualou à que teve com Bandeira, de quem foi vizinho. Mostra-me com orgulho as carinhosas dedicatórias do poeta. Amigo pessoal do que houve de melhor na literatura, nas artes plásticas e na música popular dos últimos 40 anos, fez da amizade a sua arte.

(...)

Despeço-me dele alta madrugada, cheio de uísque e de ternura: mais uma vez fui tocado pela sua fidelidade à beleza da criação e aos valores do espírito, sua generosa entrega ao que há de melhor no humano convívio. E já a caminho de casa entendo por que não buscou a consagração na música, na literatura, ou no jornalismo, preferindo exercer modestamente a sua autêntica vocação: Lúcio Rangel fez da amizade a sua arte. (SABINO, 1984, p. 165-70)

A construção que privilegia os fatos e caracteres ligados às figuras centrais dos perfis mantendo o suspense sobre a identidade não é o único efeito de estilo eleito por Fernando Sabino. Frequentemente os perfis de amigos ganham atmosferas particulares, graças a uma ou outra circunstância relatada, real ou imaginada pelo autor. Sabemos do que se trata logo no perfil que abre o livro, um encontro com Érico Veríssimo:

Estamos agora com Mafalda na mesa do terraço, ao ar livre, em torno da qual os netos fazem algazarra, sem nos perturbar. Vai anoitecendo e aos poucos os amigos vão se chegando, mansamente, numa conversa descansada de gaúchos em que parece circular de mão em mão um chimarrão invisível. Está um pouco mais fresco, agora. Voltamos a falar no filme (...).

Empolgado, Érico me abraça, e sentimos ambos no ar os acordes silenciosos de La Cumparsita - não resistimos, saímos dançando um tango pelo jardim. (SABINO, 1984, p. 15)

A partir de passagens como esta, é fácil enxergar a capacidade do autor de dar aos seus textos-perfis duas outras direções importantes, que lhe marcam o estilo. Assim, a memória pessoal invade os textos de *Gente* em fragmentos ou integralmente. De modo afim, o conteúdo ficcional se insinua através de um episódio ou toma conta da evocação inteira.

Vejamos o primeiro caso, o da memória pessoal, ou da já mencionada “verve autobiográfica” de Fernando. Nada melhor justificado no exercício do gênero que tornou o autor famoso. Suas primeiras crônicas publicadas em livro (*A cidade vazia*, 1950, acrescida de *Medo em Nova York*, 1969) relatam a experiência vivida na cidade americana, onde Fernando morou de 1946 a 48. De 1988 a 1998, vários livros

possuem o caráter de reunião de memórias: *O tabuleiro de damas*, de 1988, *De cabeça para baixo*, de 1989, *A volta por cima*, de 1986, *A chave do enigma*, de 1997 e *No fim dá certo*, de 1998. Há teores diferentes, pois *O tabuleiro de damas* foi composto com a intenção de ser livro de memórias. No entanto, Fernando parece não segurar o entusiasmo pela participação na narrativa, tomando a palavra sem o anteparo de um narrador, melhor dizendo, sem a criação de um sujeito, personificado ou não. A forma de organização do discurso não tem, aparentemente, nenhuma estratégia para encobrir, disfarçar ou obstruir a primeira pessoa, no caso, real. Isso está muito claro em “Retrato do narrador quando jovem”, em que Fernando traça um perfil da natação através de suas lembranças, convicções e do encontro com os novos tempos:

Mas acho que obedeci, antes, a um impulso do inconsciente: esta piscina [do Botafogo] sempre me intrigou. (...) sempre que passo por aqui a caminho da cidade me dá vontade de ir lá dentro. Ver os nadadores, ver como vai indo a natação hoje em dia. Assistir talvez a uma competição um dia desses.

(...)

Orientado pelo empregado do posto, conduzo o carro até o estacionamento debaixo da piscina. Uma piscina suspensa. No meu tempo eu só podia conceber uma piscina como um buraco cavado no chão e cheio de água.

(...) são todos bem jovens, nadador começa cedo. E, de repente, este ar úmido, esta atmosfera peculiar a todas as piscinas, este vago cheiro de cloro que me vem como uma emanção da minha juventude.

(...)

Pavel é um ex-nadador de 34 anos, físico de atleta, fisionomia jovem e limpa, dedicado como um missionário à sua tarefa. Com dicção clara e elaborada, vai me explicando o que é a natação hoje em dia. (...) Fala em biomecânica, em endurance, em interval training, em método Cooper - não confundir com o teste Cooper, é o método mesmo. Estou sabendo. E em controle de pulsação cardíaca. Sei, sei. As emulações motivadoras. O campo somático e o campo psíquico. Tudo isso em meio à conversa, de maneira simples, despretensiosa e convincente. Estou sabendo. Natação hoje é uma ciência.

- Sei, sei...

Na verdade não estou sabendo mais nada, a explicação me deixou boquiaberto. Quer dizer que não basta cair nágua e sair nadando, aperfeiçoar o estilo e treinar sempre para melhorar o tempo. O nadador hoje é treinado como um cosmonauta antes de ser enviado à Lua. Suas reações são conhecidas e controladas cientificamente.

(...)

Deixo a piscina com a sensação de estar no mundo do futuro - o que eu imaginava em meu tempo. Tempo de Maria Lenk e Piedade Coutinho, Arp e Vilar. Vilar, Isaac, Leônidas, Benevenuto e Mosquito - os cinco heróis da Marinha, que chegavam de avião, ganhavam todas as provas e iam embora! Qualquer menino destes que vi nadando ganharia de todos nós. (SABINO, 1984, p. 16-21)

Algo semelhante acontece em “Aqui jazz o músico”, em que o pretexto é falar sobre o estilo musical que fascina o escritor, a despeito de carregar no humor com o trocadilho do título. Fernando escreve sobre a importância do jazz em sua vida, e descreve situações nas quais, como maníaco exemplar, costumava “impingir aos incautos” a sua predileção, a sua sensibilidade à música:

Pomos um disco - preste atenção nete sax-tenor! - para interrompê-lo no meio e substituir por outro - agora veja este piano - e acaba tocando no ar um

trumpete imaginário. Na verdade estamos falando uma linguagem só inteligível aos inoculados pelo mesmo vírus.

(...)

Que significa o jazz para mim? A alegria de se comunicar além das palavras, pela mais pura criação coletiva surpreendida no seu nascedouro. A convivência incorruptível, a comunhão através do som. Eles, quando estão tocando, falam uma linguagem que é a minha e que eu gostaria de poder falar. (SABINO, 1984, p. 71 e 75)

Por outro lado, essa narrativa em primeira pessoa apresenta expressiva manifestação ficcional. Se a prosa de Fernando Sabino não chega a criar um sujeito que narra os acontecimentos em primeira pessoa, tamanha é a identificação – explícita, na maioria das vezes – da voz que narra com o próprio autor, também não se trata de um relato estritamente confessional o tempo todo, tamanho o ficcionismo alcançado. Essa fórmula bilateral, de “confissão ficcional”, explica boa parte da obra de Fernando. Em *Gente*, a equação é desdobrada e as matizes alcançadas ora partem de sutis recriações da memória pessoal, ora se baseiam numa situação ficcional, ou ainda sintetizam dados de uma biografia, apresentam o biografado através da sua própria voz e, com um procedimento que demonstra afinidade ao de Otto e Paulo, mapeiam uma época com as marcas de cada personagem. Destaco, sobretudo, o texto seguinte:

Estou numa sala de aula do Ginásio Mineiro, em Belo Horizonte. Acabamos de entrar na classe em fila, como soldados. O modelo de nosso uniforme, aliás (de cor cáqui, calça comprida e dólma), é de nítida inspiração militar.

(...)

É uma aula de Português. Sujeito, predicado e complemento. Concordância, regência. Figuras de retórica. Idiotismos lingüísticos. Já aprendemos o que é anacoluto – não é um palavra. Aprendemos outras coisas também – algumas que cheiram a dentista, como próclise, mesóclise. Só que dentro em pouco esqueceremos tudo.

(...) Ouço uma mosca zumbindo no ar. Vejo o Senhor Pellegrino à minha frente a olhar distraído pela janela um pardal pousado na grade que circunda o ginásio.

(...) E o ruído de giz na lousa me arrepiando a pele. Os olhos me pesam de sono, deixo pender a cabeça. O aluno número 11 está dormindo.

Acordo de súbito com uma tremenda gritaria. Olho ao redor e me vejo cercado de alunos também de 12 e 13 anos, mas com uniformes esportivos, camisas leves, calças curtas – e saias, porque há meninos e meninas misturados. Alegres e veementes, estão todos respondendo ao mesmo tempo a uma pergunta do professor. A sala de aula é outra, outros são os alunos e – verifico estupefato – o professor na verdade é uma professora (...).

Mas já não estou no Ginásio Mineiro e sim num colégio do Leblon, em 1974.

(...)

A última flor do Lácio inculca e bela estava simplesmente murchando. O que se ensinava nos colégios em matéria de Português era apenas para nos fazer desprezar para sempre a nossa língua.

(...)

E o velho professor sentado à minha frente, com ar de desgosto, a dizer que poesia modernista é um negócio de pedra no meio do caminho e outras bobagens. Pois vejam só se isso lá é poesia: café-com-pão, café-com-pão, café-com-pão... Seu sorriso irônico se funde ante meus olhos ao da jovem professora do Leblon, lendo para os alunos encantados o mesmíssimo poema de Manuel Bandeira, que o livro de Magda Soares apresenta sob a sugestiva rubrica: “vamos sentir a poesia das palavras.”

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades - como dizia o dos barões assinalados: com uma professora como esta, no nosso tempo todos nós seríamos poetas.

Agora estou com 18 anos e sou eu o professor. No Instituto Padre Machado, em Belo Horizonte, 3º. ano ginásial: mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, verbos defectivos. E eu tentando meter tudo isso na cabeça dos meninos.

(...)

E continuo na sala de aula: agora os meninos me envolvem de perguntas, sob a risonha e franca aprovação da professora, a quem chamam familiarmente de "tia" e "você". Sinto uma ponta de melancolia, finda a aula, ao vê-los partir em alegre algazarra: gostaria de ser um deles. É com esse sentimento que me despeço de sua linda mestra, e somos três: eu, o professor de 18 anos e o aluno número 11. (SABINO, 1984, p. 96-102)

Fernando Sabino rememora longamente uma época de sua vida escolar, acrescentando a ela sua passagem pelo ofício de professor. Um terceiro tempo do texto é o presente da narrativa, quando o narrador se posiciona como ouvinte de uma aula de Português, gancho para a memória e para a composição que mescla os tempos reais numa construção inusitada e esperançosa. Novamente, encontramos Fernando em meio ao contraste entre velhos e novos tempos, acreditando no presente e no futuro.

Neste perfil de Oswaldo França Júnior, Fernando recorre ao artifício do interlocutor logo na abertura ("O senhor talvez não saiba que o Serro é a primeira cidade de Minas Gerais"), sustentando-o até o final do texto, que percorre a vida do escritor. O tom de prosa amiga, de conversa mineira prevalece, com humor:

Agora o senhor trate de ler os livros do Oswaldo e veja se eu não tenho razão: o homem começou sem pretensão nenhuma e se tornou um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos. Embora nem todo mundo tenha ainda percebido isso. Mas acredite no que estou lhe dizendo: muito livro que passa por aí como sendo o maior vai desaparecer, ao passo que os do Oswaldo França Júnior hão de ficar. Porque não são feitos apenas de palavra escrita, mas de segmentos palpantes de humanidade que ele extraiu da própria vida. (SABINO, 1984, p. 143)

O segundo perfil de Carlos Drummond de Andrade no livro dá voz ao poeta para oferecer os episódios mais significativos, as mudanças, os resultados, o pensamento sobre si mesmo:

- Minha experiência no Ministério da Educação foi muito rica. Vim para o Rio com idéias de eficiência, energia, ordem, disciplina, que foram se dissipando diante do temperamento carioca: vi que não podia exigir dos outros mais que os outros estavam acostumados a dar. Depois de deixar o gabinete do Capanema, que era uma pessoa de extraordinária benevolência, aliada a uma grande visão de homem público, fui trabalhar com Rodrigo Melo Franco de Andrade, que me ensinou o macete do comportamento humano no Rio: tinha uma ânsia de perfeição que o acompanhou vida afora e ao mesmo tempo a humildade de não exigir muito dos outros, mas de si próprio: fazia o trabalho de trinta pessoas, acabou se exaurindo nesse sacrifício. E eu, que no colégio havia me declarado anarquista! O que há é um grande contraste entre as minhas tendências naturais e a vida que levei, de burguês acomodado e calmo. Essa tendência contestatória não chegava ao ponto de romper com os vínculos que me ligavam à sociedade:

o sentimentalismo familiar, os amigos mais ponderados, a necessidade de ganhar a vida fizeram com que eu fosse não um anarquista militante mas um funcionário público. (SABINO, 1984, p. 176-7)

A expressão sem afetações, a limpidez no discurso ao repensar a própria vida encantam o leitor do perfil de Drummond. Fernando sai de cena, voltando apenas para alinhar a fala do poeta amigo, com reduzidos comentários oportunos. Essa estratégia de dar a palavra ao biografado funciona primorosamente num dos dois perfis de Jayme Ovalle, em que Fernando oferece ao leitor as “máximas” do amigo, frases inesperadas e renovadoras, quando lidas com a distância temporal que guardamos de seu autor:

Como pode ter existido um homem assim? – me perguntam os que não o conheceram, convencidos de que se trata de excesso de imaginação da minha parte. Qual o segredo de uma existência de tal maneira sensível ao mistério da poesia? Como podia ele aceitar com tamanha naturalidade o que houvesse de mais inesperado e surpreendente na realidade de todos os dias?

(...)

- A Poesia, Ovalle, que é a Poesia?

- É a coisa mais importante do mundo. Todo mundo nasce com ela, porque ela é a própria vida. Todo mundo é criado com o dom da poesia, e só deixa de ser poeta porque perde a inocência. (SABINO, 1984, p. 202-3)

Assim como se apresenta nas crônicas, o humor criado por Fernando baseado nas coincidências caracteriza algumas passagens dos perfis, enriquecendo a forma do texto graças às sutilezas da imaginação do autor:

Lúcio Costa. Eu precisava ser arquiteto para entender este homem.

(...)

Pois aqui está ele a meu lado, de terno e gravata dentro de casa, um cachecol atirado sobre os ombros. Aturando delicadamente a minha curiosidade, mas capaz de me deixar aqui e ir dormir lá embaixo no carro, como já fez durante uma festa. É homem de olhar um projeto para o qual lhe pedem opinião e dizer apenas: não gosto. Ou de despedir-se da família em cuja casa de campo passou o fim de semana, dizendo naturalmente, ao lhe perguntarem quando volta: nunca mais. Economia de palavras, contenção de gestos, limpidez de pensamento. Tudo se reduz a uma simplicidade cartesiana. Papai, por que você não faz o projeto de Brasília? Mamãe gostaria tanto. Então vai comprar ali na papelaria umas folhas de papel almaço, minha filha. Teria sido assim? O lápis riscando o papel:

“Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja o próprio sinal-da-cruz.” (SABINO, 1984, p. 30-5)

Os encontros memoráveis são registrados em perfis como “Um dos quatro grandes”:

A roda era das boas, toda de artistas plásticos a quem ele [Portinari] ajudava com conselhos e com almoços: Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, José Pedrosa, José Morais, Percy Deanne, Flávio de Aquino – e outros muitos, alguns hoje famosos, outros caídos no esquecimento. Às vezes, depois do almoço, subíamos a pé o aclive dos fundos da velha casa de Cosme Velho. Ele exibia com orgulho o seu jardim (...). Era para mim um deslumbramento a acolhida que me dispensava uma figura tão admirável. Às vezes Paulo e Otto iam também. Naquele tempo ser para frente

era conhecer e admirar os quatro grandes, a turma da pesada da arte moderna, cada um na sua. Portinari, Niemeyer, Villa-Lobos e Carlos Drummond. Carlos, sendo mineiro, já era amigo. Niemeyer eu já conhecia desde os tempos da Pampulha. E Portinari ali estava, tome almoço! Só ficava faltando mesmo Villa-Lobos, que somente vim a conhecer na Europa, muitos anos mais tarde. (SABINO, 1984, p. 118-9)

Após leitura como a dessa evocação, temos uma sensação semelhante ao que se segue das leituras dos perfis escritos por Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos, no que diz respeito ao contexto, à concentração de pessoas ligadas ao meio artístico, cultural e político, em convivência, até certo ponto, harmoniosa. O privilégio vivido por essa geração é o maior motivo para o registro e para a análise hábil em destacar esse contexto nos perfis e, principalmente, em explorar o estilo de cada um dos cronistas.

Abstract

The present article examines Fernando Sabino's texts gathered in the volume *Gente* in the light of a life and style itinerary. The material is a collection of profiles, obituaries or praises relating to people that were part, in some moment, of the mineiro writer's life. The proposal of this work is to detect in the process of the columnist's creation the influence of the autobiographical verve that permeates all your work.

Key-words: Chronicle; Fernando Sabino; Autobiography.

Referências bibliográficas

SABINO, Fernando. *Gente I e II*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

SABINO, Fernando. *Gente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.

SABINO, Fernando & ANDRADE, Mário. *Cartas a um jovem escritor e suas respostas*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Cia. das Letras/Instituto Moreira Salles, 1992.